



## CRUZAR O ATLÂNTICO E REVER O USO DA INTERSECCIONALIDADE

---

### *Crossing the Atlantic and reviewing the use of intersectionality*

Joyce Aparecida Pires<sup>1</sup>

Resenha de: AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas (AKOTIRENE, 2019, p. 114).

Certamente um dos conceitos mais relevantes das Ciências Sociais hoje no Brasil e no mundo, a interseccionalidade, é discutida por Carla Akotirene no livro *Interseccionalidade* da coletânea *Feminismos Plurais*, organizada pela filósofa Djamila Ribeiro. O objetivo de trazer para o grande público com a gramática racial e ancestral as questões importantes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível, é a ideia que balizou toda a produção dos livros da coletânea, a partir de produções intelectuais de grupos historicamente marginalizados, pensando-os como sujeitos políticos.

Akotirene, é mestre e doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem graduação em Serviço social, atua como assistente social no município de Salvador, onde acolhe mulheres vítimas de violência doméstica. Desenvolve estudos sobre racismo e sexismo institucionais nas penitenciárias femininas e coordena a Opará Saberes, projeto de extensão da UFBA para a instrumentalização teórica e metodológica de melhores negras candidatas a mestrado e doutorado em universidades públicas.

A escrita do livro coincidentemente ocorreu pouco tempo depois da conferência de abertura de Kimberlé Creschaw na Escola internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial, em que a feminista respondeu às críticas ao conceito interseccionalidade, e destacou a característica mais importante deste conceito: a perspectiva política. A obra inicia-se com um poema de Deise Fatuma, chamado *Maré Kawô pela voz de Marielle Franco* e posteriormente, a apresentação feita por Djamila Ribeiro que chama a atenção para a importância da discussão elaborada por Akotirene neste volume, uma vez que a autora e o conteúdo dos primeiros volumes

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, UNESP (2019-2022). Possui graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura Plena) pela UNESP (2015) com Iniciação Científica FAPESP. Desenvolveu pesquisa empírica e teórica sobre mulheres, catolicismo, instituições de saúde, assistência social e história na graduação e no mestrado (2018) com auxílio CAPES. Na graduação foi contemplada com bolsa de estudos AREX (modalidade escola-pública 2013) com estágio discente em âmbito de mobilidade acadêmica internacional na Universidade de Coimbra-UC, Portugal, (Antropologia e Sociologia). Foi professora de Sociologia na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2016-2019) e na Secretaria de Educação e Cultura de Cândido Mota (2018-2019). Têm experiência no ensino superior, onde atuou como Professora Facilitadora na UNIVESP (2019) e possui especializações no campo da educação. Atualmente seus principais temas de interesse e atuação estão relacionados à pesquisa de doutoramento desenvolvida com apoio financeiro FAPESP, nº processo 2019/17544-0, inseridos no campo amplo das Ciências Sociais, gênero/religiosidade, feminismo, imigração alemã e educação no Brasil.

da coletânea foi concentrar a discussão a partir do feminismo negro, rompendo a ideia de que não está se discutindo projetos.

Indo ao encontro da reflexão epistemológica de Patricia Hill Collins, Audre Lorde e Achille Mbembe, Akotirene buscou repetir o gesto da mão escura de Glória Anzaldúa escrevendo na fronteira do seu pensamento *mestizo* para outras irmãs espalhadas pelo mundo. Movida por escrevivências, como Conceição Evaristo, a autora propõe a cantiga decolonial às mulheres negras que atuam na Academia, engajadas em desfazerem as rotas hegemônicas da teoria feminista, porque o racismo estruturado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a mulheres negras e homens negros.

A obra é composta por cinco capítulos e no primeiro, Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade, Akotirene explica como surge o conceito interseccionalidade, crítica feminista negra às leis antidiscriminação inscrita às vítimas do racismo patriarcal. Como conceito da teoria crítica de raça, foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw mas, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, conquistou popularidade acadêmica, passando do seu significado originalmente proposto aos perigos do esvaziamento. Em 2019, completou-se 30 anos da primeira publicação de *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics* da pensadora Crenshaw. Desde então, muitas pesquisas abordaram a perspectiva teórica e metodológica proposta pela interseccionalidade. Segundo a autora, a interseccionalidade permite-nos enxergar a coalizão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Na heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, Akotirene procura afastar a perspectiva de hierarquizar sofrimento, pois compreende todo sofrimento interceptado pelas estruturas. Cabe à identidade branca usar interseccionalidade para desconstruir a falsa vulnerabilidade uniformizada, demonstrar o contexto das branquitudes, não incorrer de oportunismos fraudulentos no sistema de cotas raciais, por exemplo, pois interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe.

No segundo capítulo, Vamos pensar direito: interseccionalidade e as mulheres, Akotirene problematiza a discriminação de identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis da antidiscriminação. O desprestígio do sofrimento de mulheres negras invalida o pedido de socorro político, epistemológico e policial, segundo a autora. É consequência da interseccção complexa do sistema moderno, atravessados por discriminações de raça e de gênero. Akotirene denuncia a existência de estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos, identificados como ponto de tráfico de drogas pelas mídias televisivas, conseqüentemente, propicia aos agressoras de mulheres, delegados, juízes e ativistas de direitos humanos, o encontro de iguais, porque a política que mata os homens no espaço público é a mesma que deixa as mulheres morrerem dentro de suas casas.

O terceiro capítulo, Atlântico e diferenças entre irmãs: críticas ao conceito de interseccionalidade, está concentrado na crítica ao uso do conceito de interseccionalidade voltando a análise aos princípios geopolíticos da colonização dos continentes. Em geral, o traço civilizacional de África nos posicionamentos da diáspora, a fronteira *mestiza* entre México e Estados Unidos, a experiência indígena massacrada nas Américas são massa ancestral do pensamento feminista negro, decolonial e afro-latino-americano. Nesse sentido, Akotirene desenvolve críticas aos estereótipos vinculados ao conceito de interseccionalidade e mulherismo que tentam explica-los,

como diáspora, matriarcalidade, figuras religiosas prezadas nas imagens de controle, também destaca o problema de pensadoras que propuseram críticas ao letramento proposto por Crenshaw, ao conceito de interseccionalidade e o seu não-uso, como fez Sueli Carneiro em seus trabalhos. Porém, para nossa autora, não considerar o conceito de interseccionalidade não descredencia a premissa do termo existente há quase trinta anos, mas sinaliza a importância da proposta de enegrecer o feminismo considerando as experiências de acadêmicas, não acadêmicas e ativistas, anterior à sistematização do conceito, como tantas escritoras o fizeram. Segundo levantamento bibliográfico realizado por Akotirene, considera-se que além de Sueli Carneiro, as mulheres negras foram as que mais lutaram para a redemocratizar o país e na academia dedicaram a vida ao combate dos estereótipos nacionais, racializados, reduzidos à mulher mulata, empregada doméstica e atleta sexual.

“A crítica de Angela Davis” é o título do quarto capítulo em que Akotirene costura o pensamento de Davis e sua importância que atravessa a geopolítica da interseccionalidade a fim de descredenciar cooperações internacionais disfarçadas que, na verdade, são interesses de controle populacional dos Estados Unidos para com países africanos e além disso, repete o conteúdo do feminismo negro sem citar todas as mulheres e organizações anteriores ao termo. Desta forma, Akotirene afirma que a interseccionalidade de Crenshaw está inclusive servindo para garantir êxitos aos chamados por ela de feminismos carcerários, porque nele é possível compreender o tom neoliberal da punição proposta pela interseccionalidade que nos leva, segundo Crenshaw, a nos concentrarmos nos indivíduos, em nós, vítimas individuais, retirar a atenção do Estado, apontando agressores negros ou policiais individuais, para quem fica a sentença pesada do racismo, sendo o feminismo carcerário conivente do padrão moderno colonial.

No último capítulo, “Cruzar o Atlântico nem sempre encerra a travessia”, certamente porque é no Atlântico que produz a maresia feminista durante a travessia interseccional, longe de ser fragmentada, liberal e cisheterossexista, ela é dimensão prática: “[...] Afinal, o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte e, finalmente, valer-se de raça, classe, território e gênero, mas enlanguescendo-se”<sup>2</sup>. Protegidas contra o racismo, as pessoas podem se proteger de toda e qualquer violência da vida e lutar por mais tempo contra as necropolíticas. Akotirene no campo prático, como outras feministas negras não querem ver o assassino da feminista negra lésbica vereadora Marielle Franco em liberdade, mulher negra que foi atingida na encruzilhada do racismo, sexismo e lesbofobia, atirada ao trânsito colonial voltado contra mulheres negras.

Com esta obra Akotirene faz emergir feministas negras, conhecimentos produzidos em luta cruzada e permanente decolonial. Ainda é comum encontrarmos no Brasil a ausência e o silenciamento de mulheres negras e de autoras negras. Por isso, é urgente a atenção que Akotirene faz coro, um compromisso de posicionamento prático e crítico sobre as produções intelectuais para que um horizonte de justiça e vida não se percam na travessia.

---

<sup>2</sup> AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 113.